

Emendas atraem poucos constituintes

Do enviado especial a Brasília

O senador Afonso Arinos (PFL-RJ), instalado na mesa da presidência da Câmara, lamentou em meio a pigarros "que nossa sala esteja tão pouco povoada". De fato, eram 13h de ontem, e não mais que catorze deputados e dois senadores presenciavam a sessão da Comissão de Sistematização, na qual, representando exatos 528.484 cidadãos, seis oradores acabavam de defender uma nova batelada das 82 emendas populares que o Congresso constituinte recebeu.



Não foi o momento da mais baixa frequência parlamentar. As 9h36, quando Arinos deu a palavra ao jurista Dalmo de Abreu Dallari — que defenderia em nome de 336.047 signatários paulistas a emenda que pede a incorporação à Constituição das iniciativas legislativas populares— só oito constituintes haviam assinado o livro de presença. O número era ainda menor na noite de segunda-feira, quando o físico e reitor da USP, José Goldemberg, defendeu a emenda para institucionalizar o princípio do desarmamento nuclear.

O absentismo não tem no desinteresse sua única causa. Ontem, por exemplo, penúltimo dia para que se protocolem emendas ao substitutivo do relator Bernardo Cabral, pelo menos três outras reuniões oficiais

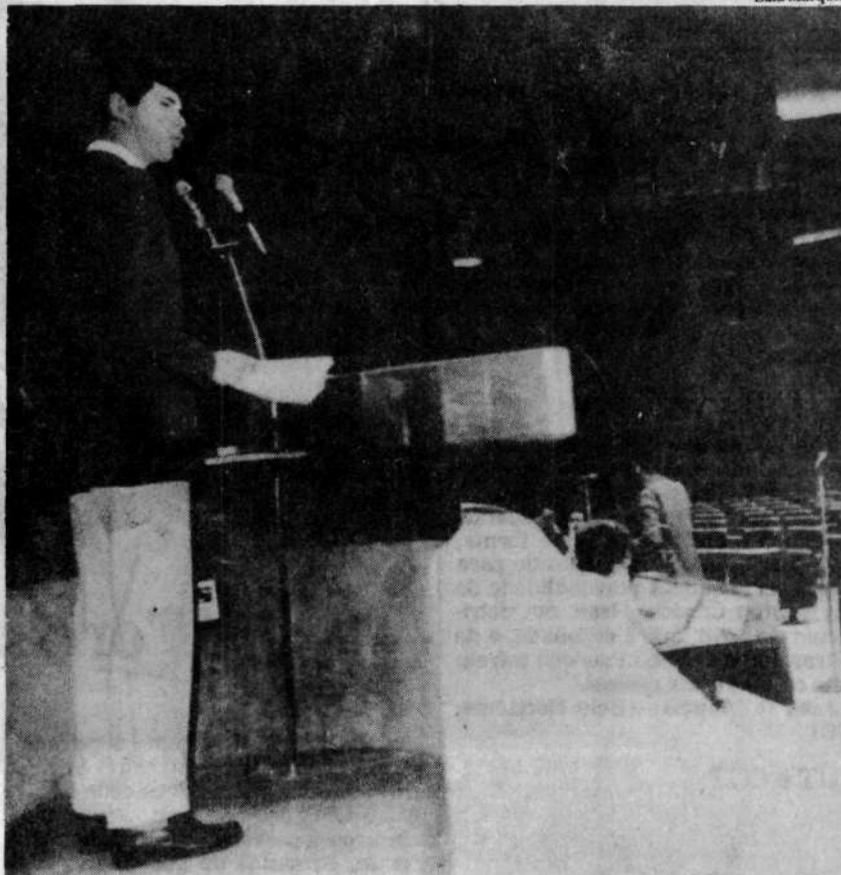
eram efetuadas nas dependências do Congresso, negociando acordos em torno de questões polêmicas, como o papel das Forças Armadas e o sistema de governo.

Isso não impede, porém, que o contraste entre as cadeiras vazias do plenário e o número de signatários das emendas populares (mais de 32 milhões) permitisse patéticas tiradas retóricas: "Percorri esse país inteiro, defendendo em praças apinhadas de gente as diretas para presidente da República, e sinto constrangimento em falar sobre o assunto num recinto tão vazio", disse, da tribuna, o deputado Luis Inacio Lula da Silva (PT-SP), autor de uma das duas emendas populares que antecipam a sucessão do presidente Sarney.

Na sessão de ontem, só não se "constrangeram" oradores menos acostumados aos hábitos do Congresso, como o dirigente operário mineiro José Gomes Pimenta, ou o vereador João Bosco da Silva, de São José dos Campos (SP), que, em nome respectivamente de 35 mil e de 32.625 cidadãos, defenderam a institucionalização da participação popular (como Dallari) e o voto proporcional nas eleições em todos os níveis.

As caravanas que chegaram a Brasília até o último dia 12, carregadas de abaixo-assinados, certamente se decepcionariam com a pequena receptividade do plenário. E ficariam ainda mais decepcionadas se soubessem do pouco caso que os constituintes tendem a fazer de suas reivindicações. (JBN)

Lula Marques



ESTUDANTE DEFENDE A MONARQUIA

Com a eloquência de um orador experimentado, Fernando Batista Bolzoni, 18, terceiranista de Direito em Porto Alegre (RS), defendeu ontem por vinte minutos, no plenário da Câmara cedido à Comissão de Sistematização, uma emenda popular com 44.632 assinaturas, propondo para 1993 um plebiscito em que o eleitorado poderia optar pelo fim do regime republicano. "República não é sinônimo de democracia", afirmou,

qualificando-a de "uma sucessão de golpes, estado de sítio e governos autoritários". Bolzoni disse que a monarquia "não é uma proposta anacrônica" e que só um monarca é bastante apartidário para ocupar a chefia do Estado. Filiado ao PL, ele pretende, no ano que vem, concorrer à Câmara Municipal de Porto Alegre. Bolzoni afirmou ter se interessado pela monarquia ler sobre o Instituto Brasileiro de Estudos Monárquicos.

Cunhada de Ulysses

diz ter sido contratada sem ajuda do deputado

Do correspondente em Campo Grande

A ex-cunhada do presidente do Congresso constituinte, deputado Ulysses Guimarães, Maria do Socorro Rocha Moreira, 50, readmitida, conforme noticiou o "Jornal do Brasil" em sua edição de ontem, no cargo de assessora de relações-públicas da Secretaria de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul, por imposição do cunhado, disse ontem, em Campo Grande (MS), que "não pedi nada para o Ulysses, porque tenho lastro com o governador Marcelo Miranda e com os deputados e senadores da direita e da esquerda", ressaltando não poder garantir que ele não tenha intercedido em seu favor. Maria do Socorro disse que se desquitou há sete anos de Alberto de Almeida, irmão da mulher de Ulysses.

Um assessor de Marcelo Miranda, Nilson de Araújo de Souza, 37, disse ontem que Ulysses não solicitou o emprego para a ex-cunhada.

Erramos

Em reportagem publicada no dia 31 de agosto, à pág. A-5 ("Arma israelense para o caça AMX reacende polémica"), a Folha informou incorretamente que a empresa Bernardini fez uma "joint-venture" com a Indústria Aeronáutica Israelense (IAI). Na verdade, a associação foi feita pela Bernardini com a Indústria Militar Israelense (IMI).